



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Alexandre Ribó.—Beethoven... e o bandolim.—Poetas portuguezes, o livro *Oasis*, de João Maria Ferreira.—Concertos.—Noticiario.—Necrologia

Alexandre Ribó

Temos bem ao pé da porta o exemplo vivo do que póde a boa orientação artistica, a boa organização das escolas musicas, a larga diffusão das melhores doutrinas pedagogicas e o ponderado aproveitamento das aptidões. Dos conservatorios d'Espanha é raro o anno em que não saía um punhado d'artistas notaveis, que por toda a parte se fazem acclamar e que levantam bem alto a fama de paiz musical que tem sabido conquistar a nação irmã.

Alexandre Ribó, o considerado pianista catalão, cujo retrato acompanha estas linhas, pertence ao numero d'esses artistas notaveis.

Nasceu em Tarragona em outubro de 1878 e fez os seus estudos em Barcelona sob a direcção de Salvador Sala. Tinha apenas quinze annos quando se apresentou em um concerto do grande Theatro Lyrico d'aquella capital, sendo tão vivo o enthusiasmo suscitado pelo joven debutante que a municipalidade não he-

sitou em subvencional-o para se aperfeçoar no estrangeiro. Dirigindo-se a Paris, ali recebeu conselhos do eminente Charles de Bériot. Voltou a Espanha, e apoz alguns concertos, que foram outros tantos triumphos, Alexandre Ribó foi nomeado professor da classe superior de piano da Academia Philharmonica de Barcelona, logar que desempenhou superiormente durante dois annos.

Mas a vida sedentaria do magisterio não convinha ao temperamento do talentoso artista. Anciando pelas glorias de concertista, que já havia saboreado com tão singular fortuna, lançou-se definitivamente na carreira preferida e abandonou a leccionação. Empreheu primeiro uma serie de audições em Madrid, Barcelona, Tarragona, Bilbao, S. Sebastião e outras terras espanholas. Consagrado definitivamente no seu



paiz, julgou asada a occasião para começar, em terras extranhas, a lenta mas segura peregrinação do artista forte, que tem consciencia do seu valor e confiança na sua estrella. Quando o rei Affonso XIII visitou Paris, foram Alexandre Ribó e o grande Sarasate os

artistas escolhidos para tocar na festa official que o Hotel de Ville offereceu áquelle monarcha. Depois, o nosso pianista viu-se assediado de convites para as primeiras sociedades musicas francezas. Applaudiram-o successivamente a Trompette, as Soirées d'Art, as Matinées Danbé, os Concerts Populaires, os Concerts Rouges, os Concerts Touche e outras.

Os publicos de Marselha, Nantes, Poitiers, Tours, Blois, Amiens, Tourcoing, Monte Carlo, etc., etc., puderam apreciar o merecimento do *virtuose* espanhol, fazendo justiça aos seus exceptionaes talentos.

O anno passado, o publico parisiense fez-lhe uma grande ovação em um dos Concerts Colonne, apoz uma memoravel audição da *Rapsodie espagnole* d'Albeniz, orchestrada por G. Enesco, e executada pela primeira vez pelo nosso talentoso apresentado.



Beethoven . . . e o bandolim

Annunciavamos aqui ha tempos a descoberta de um curioso inedito de Beethoven, e curioso pelo exclusivo facto de ser consagrado ao bandolim, instrumento que até então não havia figurado na maior parte dos repositórios bibliographicos do sublime cantor da *Nona Symphonia*. A breve noticia não passou despercebida aos nossos amadores bandolinistas, que pretenderam travar conhecimento com a peça e se nos dirigiram n'esse sentido sem lograrem satisfazer a sua natural curiosidade.

Hoje já podemos dizer-lhes que são várias as obras de bandolim escriptas por Beethoven, e não uma só, como haviamos annnciado.

No suplemento da grande edição Breitkopf, de 1888, publicava o dr. Mandycewski duas composições do Mestre, uma *Sonatina* e um *Adagio*, sendo feito este ultimo sobre um esquisso sem character definitivo. Recentemente, descobria o dr. Arthur Chitz na bibliotheca dos condes Clam-Gallas, de Praga, uma série de peças para bandolim e piano, escriptas por Beethoven e com a seguinte dedicatória:

Pour la belle J. par L. V. B.

Figura entre essas peças o mesmo *Adagio* publicado por Mandycewski, mas na versão autographa, e a par d'elle, várias outras obras de musica amavel e despretençiosa, destinada a valorisar o modesto descendente do alaúde medieval.

Uma d'essas obras, uma *Sonatina*, publica-se no seu ultimo numero uma das mais autori-

sadas e valiosas revistas musicas francezas, a «S. I. M.», acompanhando a interessante *plaque* com algumas notas do dr. Chitz, a quem pedimos venia, assim como ao nosso eminente colega, para aqui as transcrevermos em parte.

Lembremos porém, antes de mais nada, que em fins do seculo XVIII o bandolim estava em alto favor na Italia. Não admira que os grandes artistas d'essa epoca, arrastados pela corrente do italianismo que alastrava pela Europa inteira, se deixassem tentar de quando em quando pelo popular instrumento, que os Sor e os Carulli haviam imortalisado. Hummel, Weber e Mozart escreveram para bandolim. Do ultimo, do cysne de Salzburgo, ha duas melodias com acompanhamento de bandolim — a *Was frag'ich viel* e *Komm, liebe Zither, komm*. A serenata do D. João foi tambem composta para bandolim, apesar de transcrita frequentemente nos theatros para os violinos em *pizzicato* e até para violões, não sem protestos mal humorados, como os do caustico Berlioz no seu *Traité d'orchestration*.

Não nos devemos admirar que Beethoven, com as tendencias mozartianas da sua primeira maneira, escrevesse tambem para bandolim. O que resta saber é por que serie de circunstancias se compuzeram as alludidas obras em Praga, e qual a identidade da formosa J. a quem o Mestre as dedicou. E' o proprio Arthur Chitz quem nol-o vae explicar.

A belle J. é a condessa Josephina Clary, que foi depois condessa de Clam-Gallas. Foi a mesma dama que Beethoven dedicou a ária de concerto, *Ah! perfida*. Um dos seus biographos, Thayer, percorrendo os esboços do Mestre, e encontrando a seguinte inscripção: — «*Geschrieben und gewidmet der Gr. C. G. als Andenken eines Aufenthaltes in P.*», deduziu effectivamente que podiam apparecer ainda nos archivos da familia Clam-Gallas alguns ineditos de Beethoven. E foi esse indicio que orientou as recentes investigações a que vimos alludindo.

Sabe-se que Beethoven esteve na capital da Bohemia em 1796, attrahido, como Mozart o havia sido sete annos antes, pelo mecenismo do conde Lichnowski. Por carta escripta a seu irmão Nicolau, sabe-se tambem que habitava na casa do *goldenen Eichorn* e tinha encontrado bom acolhimento na sociedade de Praga.

A casa dos Condes de Clam Gallas era das mais artisticas da *cidade de cem torres*. Nos salões do conde Christiano Philippe de Clam davam-se frequentes saraus musicas, e elle proprio, alem de protector d'artistas, tocava excellentemente piano e tinha uma orchestra sua. As suas filhas, Luisa e Jeannette, contaram entre as melhores pianistas de Praga. Outras senhoras da mesma nobre familia, a princeza d'Auersperg e Mad. de Kocz-Dobrz tinham

um theatro particular, onde tocavam e cantavam. Finalmente, o conde Christovam (1771-1838), primogenito do conde Philippe, foi um dos fundadores do Conservatorio de Praga, ainda hoje existente. Em 1797 consorciou se com Josepha, condessa de Clary.

E' esta casa que Beethoven frequentava em Praga e foi a condessa de Clary a musa inspiradora não só da aria *Ah! perfido*, mas tambem do *recueil* de bandolim, cuja descoberta se deve á investigação do dr. Chitz. Graças a este erudito, a litteratura beethoveniana acha-se enriquecida com mais algumas obras e a historia do bandolim conta mais uma gloria.



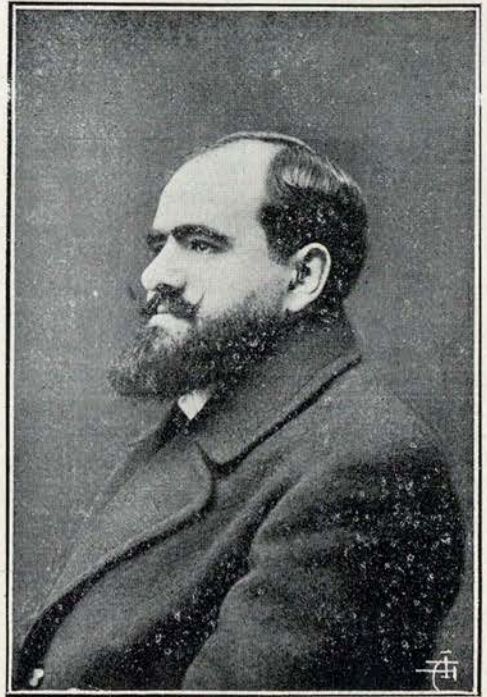
Poetas Portuguezes

O livro OASIS de João Maria Ferreira

Estava ainda no campo mui longe da vida movimentada da capital, quando me chegou ás mãos o livro *Oasis* de João Maria Ferreira. Acabára eu então de ler umas conferencias sobre pintura d'esse Apostolo da Belleza chamado Ruskin, quando a minha vista cahiu sobre uma obra d'um poeta! Apoz uma leitura de Ruskin, cujo estylo matisado de verdade tem um não sei quê da attracção da musica symphonica de Beethoven, só uma obra poepica poderia sustentar a minha alma n'aquella elevação espiritual, n'aquelle crescendo purificado pelo Bello, peia Verdade, pela Grandeza que o livro do grande critico inglez me deixára absorvido! É como os poetas são seres, segundo as palavras d'um critico allemão, que não vivem no mundo real, senti atravez das paginas do *Oasis* qualquer coisa de phantastico, de ideal que se ligava perfeitamente com as ideias d'arte que eu lera ha pouco!

Conheço toda a obra litteraria d'este novel poeta, e desde o seu primeiro livro *Jesus de Nazareth*, aliaz trabalho com certas indecisões de principiante, temos vindo notando nas suas demais obras um aperfeiçoamento deveras para louvar, e assim nas *Tristezas*, *Manhã*, *Hymno á Primavera* já vemos um artista do verso, cantando atravez das suas delicadas rimas, todas as vibrações da sua alma panteísta.

Na sua alma poetica João Maria Ferreira ama a Natureza, fonte para elle de toda a ideia poetica, e se o seu livro *Principe de Martyrio* é uma excepção á sua fórmula de sentir, pois é um grito de revolta moral, todo o resto é o constante canto da natureza, enganada



lanada sob todas as fórmulas da sua belleza, encanto, poder grandioso e attracção Divina!

No seu ultimo livro *Oasis* o poeta abandonou os canticos de entusiasmo á Natureza? Não, decerto, e ao lado de pequeninas telas impressionistas como por exemplo: *crianças, na escola, dôr suprema*, etc., aspecto religioso e cheio de unção como as delicadas quadras do *Natal*, lá encontramos o trovador da payagem portugueza: *No Valle de Santarem, Portas do Sol, O cardo* e outras mais. Respira-se em todo este livro um grande amor por este pequeno torrão onde vertemos as primeiras lagrimas; são paginas delicadas como minutos de Mozart, pequeninos quadros descriptos á maneira de Couperin. Como dividimos o livro em tres aspectos transcrevemos alguns versos para que o leitor possa avaliar quanto as minhas palavras são verdadeiras.

Genero impressionista :

CRIANÇAS

Crianças são astros surgindo, brilhantes, no azul diamantino das puras manhãs, sóis lindos brilhando nos Ceus cintilantes, papoilas singélas nos trigos ondeantes, rosinhas 'smaltando campinas louçãs.

São a Primavera da vida que passa num sonho fagueiro, num sonho de amor; são de azas ligeiras bando que esvoaça cantando no espaço, com mimo e com graça, çanções irmãs gêmias do aroma da flôr.

De inspiração religiosa :

NATAL

*Olhos bentos de Jesus
são faróis de eterna chama,
alegria de quem ama,
consôlo de muita cruz.*

Amor da Natureza :

PORTAS DO SOL EM SANTAREM

*Chego-me áquella rástica Varanda
ao nascente rasgada,
e a vista vai correndo de-longada
p'la vastidão infinda.*

*Quero na diurna luz que tudo olvida,
que a minha alma se expanda
e comungue o bemdito sol de Deus,
que nos ofertam pródigos, os Ceus.*

*E eu communiquei á luz amanhecida
e senti, dentro em mim, viver a vida
de tudo o que avistava :
pedras, aves, ribeiras, floresta brava...
de toda a Creação,
e a minha alma embebendo fundamente
nêsse horizonte infindo, vasto, ingente,
obra tua, Senhor ! ilimitada,
achei-me no Universo um simples Nada
de umíluma poeira um ténue grão.*

Em todo o livro passa um tenue véo de tristeza, talvez muito mais suggestiva que nas suas restantes obras, e sobretudo tem uma qualidade que apparece muito mais n'este que nos outros, uma enorme força de crença catholica !

O livro *Oasis* póde cahir em todas as mãos, nenhuma ideia livre contém, nenhuma scena escabrosa é descripta e se n'esta maneira de ver, que o vulgo chama *á moderna*, o livro não será decerto estimado, terá um bello acolhimento por todos aquelles em que a moral não é uma palavra vã.

Um distincto pintor, um novel cheio de talento, o sr Abel Santos, quiz ser collaborador no livro, tendo feito um suggestivo carvão para a capa, um verdadeiro desenho cheio de vida e vigor.

Ao sr. João Maria Ferreira agradeço a gentil dedicatória do seu livro, que foi para mim uma agradável surpresa !

Alfredo Pinto (Sacavem).



Nos dias 15 e 22 do corrente realisaram-se os terceiro e quarto concertos da Orchestra Symphonica Portugueza, sob a direcção do maestro Pedro Blanch, e que, como os antecedentes, tiveram logar no theatro da Republica.

O publico continúa a dispensar uma desusada protecção a este emprehendimento, o que bem o provou nas enchentes consecutivas aos concertos.

Urge pois, em vista de tão bellos resultados financeiros, que o maestro Blanch trate de introduzir na orchestra, pelo menos durante a série dos seus concertos annuaes, os *elementos indispensaveis*, para que o seu trabalho tenha a devida compensação.

Nos dois concertos deu-nos Blanch em primeira audição: uma symphonia de Dvorak; o *preludio do Parsifal*; a *rapsodia* em ré de Liszt e um *minuetto* para instrumentos de corda de Westerhout.

De Dvorak conheciamos, um trio para piano, violino e violoncello; um quinteto para piano, dois violinos, viola e violoncello; um quartetto de corda, e um concerto para violoncello.

De entre estas obras destacaremos o quintetto, apesar de em todas ellas se reconhecer sempre o *savoir faire* de Dvorak e a sua fertil inspiração.

Em toda a obra de musica de camara se vê que Dvorak procura os seus motivos na musica popular, e na symphonia que ha pouco ouvimos serviu-se do mesmo recurso. N'esta obra poremos em primeiro logar, o ultimo *andamento* como trabalho symphonico de alto valor.

A apresentação dos motivos dos andamentos anteriores é uma das feições mais interessantes do *allegro con fuoco*, e o trabalho que n'elle se observa prova á evidencia as excepçionaes qualidades de compositor de Dvorak. O *largo* é um numero de musica que impressiona o ouvinte, pela sua riqueza melodica.

Em resumo, a symphonia de Dvorak produziu-nos boa impressão e desejaríamos que se repetisse para travarmos conhecimento mais completo com uma obra tão digna de ser ouvida e apreciada.

Deu-nos agora Blanch o ensejo de ouvir o preludio do *Parsifal*, essa extraordinaria pagina de musica, parte integrante de uma obra



que marcou o apogeu do notavel reformador da arte.

O pronunciado sabor mystico que se nota em todo o preludio, eleva-nos o espirito a regiões desconhecidas e produz-nos um bem estar d'alma de que se sahe com pesar findos os ultimos acordes.

A execução d'esta obra tão complexa requer uma minuciosidade de dição difficil de se obter com uma orchestra pouco experimentada em obras de tal folego, mas não resta duvida que, tanto executantes como dirigente, se esforçaram em satisfazer as exigencias que a obra reclama.

A *hapsodia* em ré de Liszt não é d'aquellas que mais effeito produz no publico, comtudo, como factura é das que se impõe com mais razões aos entendidos na materia.

A sua execução foi cuidada e por vezes brilhante, salientando-se o distincto professor José Henrique dos Santos, que, na sua difficil parte de flauta, se houve com a maior mestria.

E já que fallámos em flauta, seja-nos licito perguntar: porque é que a segunda flauta e flautim estão em manifesto desacordo com a primeira flauta e resto d'orchestra? Na obra de Liszt tornou-se esse desacordo bastante sensível, a ponto de prejudicar a execução do trecho.

O *minuetto* para cordas de Westerhout é um trecho elegante e gracioso e foi executado com firmeza e colorido.

Os outros numeros dos dois programmas constaram de obras de Tschaiowsky, A. Thomas, Brahms, Nicolau, Schubert e Berlioz, e a todas ellas a orchestra procurou sempre dar uma execução honesta, cuidadosa e sobria.

L. C.

No sabbado 21 realisou-se em *matinée* no salão da Trindade um concerto promovido pela seõnrita Lolita Verduysse, artista que veiu contratada para a orchestra de S. Carlos e que finda a epoca lyrica fixou residencia entre nós.

E' discipula de Madame Calvo, artista muito conhecida no nosso meio, e cursou o conservatorio de Madrid onde obteve o primeiro premio.

Se as provas que deu durante a sua permanencia na orchestra de S. Carlos não bastassem para considerar Lolita Verduysse uma harpista distincta, o concerto de sabbado seria sufficiente para collocar a sua promotora como uma executante de merito. N'um solo de Thomas, n'uma fantasia de Saint-Saëns e na marcha de Gounod, provou Lolita Verduysse a sua bella technica, maviosa sonoridade e boa escola. Esta artista foi sempre muito applaudida

em todos os numeros, recebendo os cumprimentos dos admiradores do seu talento

O sr. Quilez artista já de ha muito consagrado, mas que ainda não tinhamos ouvido a solo, executou no violoncello o *Capricho húngaro* de Dunkler, obra de bastante difficuldade. O sr. Quilez provou possuir uma technica bastante perfeita, notavel afinação e elegante fórma de dizer.

O sr. Severo n'um solo de clarinete, José dos Santos na *Serenata* de Saint-Saëns, Forsini nas difficeis *Arias bohemias* de Sarasate, para violino, e o sextetto sob a direcção de Forsini, constituiram numeros que foram entusiasticamente applaudidos.

Nas variações de Proch e canção portugueza, salientou-se a sr.^a D. Amelia de Almeida Serra, distincta discipula do abalisado professor Alberto Sarti. A sua extraordinaria virtuosidade e boa escola fizeram vibrar os aplausos de toda a assistencia, recebendo um lindo *bouquet* de flores naturaes offerecido pela promotora do concerto.

A sr.^a D. Cesarina Lira cantou-nos as romanzas de *Butterfly* e *André Chenier*, em que mais uma vez mostrou a sua bella voz e optima escola.

Recebeu igualmente um artistico *bouquet* e foi calorosamente applaudida.

A orchestra da Academia de Amadores de Musica sob a regencia do maestro Pedro Blanch foi igualmente muito ovacionada em um numero de uma *suite* de Grieg.



PORTUGAL

Referindo-nos, no numero anterior, á novel cantora, sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues, dissemos que se havia estreado no theatro Carlos Alberto, o que fez suppôr a alguns dos nossos leitores que a distincta artista se ia dedicar ao genero *operetta*. Não é assim. E' á opera lyrica que esta senhora se destina e tem, segundo ouvimos, nos dotes vocaes e nos altos recursos de cantora as melhores garantias para um seguro exito n'essa aspera carreira. A illustre discipula de Mad. Palhares teve um verdadeiro triumpho na primeira das *matinées* artisticas, que a empreza Galhardo organisou no theatro Carlos Alberto e que nada tem que ver com as recitas seraes do mesmo theatro,

Para essa brilhante festa, foram propositadamente de Lisboa a sr.^a D. Carolina Palhares, a quem o publico portuense fez as mais carinhosas demonstrações d'apreço, e tres das suas distinctas discipulas, a sr.^a D. Maria Emilia Pinto Rodrigues de quem já fallamos, a sr.^a D. Maria Bacelar Begonha e a sr.^a D. Alice Rebello da Silva, parecendo que é esta ultima senhora que vae consagrar-se á operetta.

Assim, esta festa teve muito mais importancia do que haviamos supposto, constituindo uma legitima gloria tanto para a notavel vocalista, como para as suas discipulas, a quem calorosamente felicitamos.

*
**

Como complemento de uma noticia anterior, diremos que a suppressão das bandas regimentaes na India, Timor, Cabo Verde, Macau, S. Thomé, Angola e Moçambique, originou uma economia annual de 58:725\$957 réis, em cifras certas.

Mas como o dinheiro foi applicado em material de guerra, esperemos em Deus que, com essa medida salvadora, nos fiquem essas mesmas colonias garantidas *in aeternam*.

*
**

Em 14 d'este mez houve em casa do illustre professor portuense, sr. Ernesto Maia, um delicado sarau para despedida de uma das suas brilhantes discipulas, a sr. D. Georgina Cabral, que poucos dias depois regressava ao Pará, d'onde é natural, depois de terminada, sob a direcção d'aquelle nosso amigo, uma educação artistica absolutamente modelar.

O programma que a gentil discipula d'Ernesto Maia executou n'esse sarau foi o mais possivel interessante: — *Preludio e fuga* de Bach, *Sonata* de Beethoven, *Concertstück* de Weber, *Preludio* de Albeniz, *Polaca em lá bemol* de Chopin e *Rapsodia hungara* de Liszt.

Apoz a execução perfeitamente superior destas difficeis obras, o proprio professor, a pedido de alguns convidados, tocou varios numeros no Orgão Mustel, sendo larga e calorosamente ovacionado.

E para terminar a festa, ainda a sr.^a D. Georgina Cabral voltou ao piano, traduzindo com verdadeiro talento o *Rondó capriccioso* de Mendelssohn, o que lhe valeu, assim como ao seu conspicuo mestre, uma larga e bem merecida copia de applausos.

*
**

Do sr. Levy Bensabat recebemos um exemplar do seu delicioso poemeto dialogado, *Luz e Sombra*. E' uma gentil comediasinha para duas creanças, a creança rica e a creança po-

bre. Enternecedores e lindos os seus versos, cujo envio do coração lhe agradecemos.

*
**

O excellente professor de canto, sr. Arthur Trindade, realisou em sua casa, no domingo, 22, uma interessante audição de alumnos, em que se fizeram ouvir muito distinctamente as sr.^{as} D. Samaritana Sorraia, Mad. Vasconcellos, D. Maria Emilia Camelier e os srs. Arnaldo Horta Machado e Antonio Silvestri.

O sr. Trindade e sua esposa, que é tambem, como se sabe, uma primorosa cantora, fizeram-se ouvir em alguns trechos, no fim da audição escolar.

*
**

Por impossibilidade do professor Freitas Gazul, estão regendo interinamente as cadeiras de Rudimentos e de Orchestra no Conservatorio, os professores Thomaz Borba e João E. da Cunha e Silva.

ESTRANGEIRO

Tambem em Londres se festejou este anno o centenario de Rousseau com o *Devin du village*, opera-comica.

*
**

Num interessante livro sobre Mirabeau publicado este anno vê-se que o grande orador era, na musica, discipulo de Rousseau quanto a preferencias e opiniões.

*
**

No Covent-Garden foi muito applaudida a orchestra Colonne, sob a regencia de G. Pierné, executando obras de Saint-Saens, G. Charpentier, Debussy, Pierné e Fanelli.

*
**

O tenor Rousselière creará o *Julien* de Charpentier na Opera-Comica de Paris.

*
**

No fim da estação representa-se em Paris o *Judeu Polaco* de Erlanger.

*
**

O *Parsifal* vae ser interpretado na Opera de Paris pela soprano Bréval, Maurice Renaud, baixo Delmas e pelos tenores Muratore ou Franz.

*
**

O compositor francez A. Mariotte está escrevendo um drama lyrico intitulado: *La Mon-*

tagne. O libretto é de Camille Maucclair. Do mesmo compositor também se fala numa opera-comica sobre o *Gargantua*.

**

Carmosine, que só se representa para o proximo mez na *Gaité-Lyrique* de Paris, terá por interprete principal Mad. Vallandri.



Dolorosamente nos surprehendeu, como a todos os que o conheciam, a morte do distincto barytono e professor Mauricio Bensaude. Artista de grande valor e actividade, homem de fino trato, Mauricio Bensaude é d'aquelles homens que deixam muitos amigos e cuja memoria se não apagará tão cedo.

Natural da ilha de S. Miguel, veiu em 1884 para Lisboa, escripturando-se na Trindade e cantando ali, com applauso, a *Graziella*, o *Bocaccio*, *Gata Branca* e outras operettas. Voltou depois as suas vistas para a scena dramatica e ao lado dos Rosas e Brazão fez uma época no theatro normal; mas em 1888 já estava de novo na Trindade e reaparecia como cantôr nas operas-comicas *Chalet*, *Surcouf*, *Marquezinha* e em outras obras de menor vulto.

Tendo ido á Italia aperfeiçoar-se no *bel canto*, percorreu varios theatros importantes do estrangeiro, assegurando uma solida reputação de cantor. Em 1903 foi escripturado em S. Carlos, onde cantou o *Tannhäuser*, a *Adriana Lecouvreur*, a *Bohème* e a *Aida*, esta ultima em collaboração com Caruso, Darclée e Guerini.

Mais tarde fixava a sua residencia em Portugal, cantando os *Dragons de Villars* no antigo theatro D. Amelia; no Porto também esteve em varias épocas, escripturado pelas emprezas Cyriaco de Cardoso e Taveira. Com este ultimo empresario, mas já em Lisboa, tentou Mauricio Bensaude iniciar em 1910 uma serie de representações portuguezas, em que chegaram a produzir-se em portuguez e

por artistas nossos o *Barbeiro de Sevilha*, a *Serrana* e outras obras, mas a iniciativa não teve infelizmente seguimento.

Era muito estimado no Brazil, onde ia frequentemente em *tournées* artisticas, sendo muito louvada a forma como desempenhou com sua esposa, a sr.^a D. Julia Defano Bensaude, a difficil partitura da *Serva Padrona*, de Pergolese.

Retirara-se ha pouco da scena, dedicando-se ao professorado e, desde o anno passado, á administração do theatro de S. Carlos, como representante dos emprezarios Calleja & Boqueta, de Madrid.

Mauricio Bensaude falleceu com 49 annos, victimado por uma paralyisia renal.

**

Ao nosso presado amigo e collega, José Sasseti, damos os mais sentidos pezames pelo fallecimento de seu extremoso irmão Victor Correia Sasseti, esclarecido amador de musica e socio do antigo e respeitado estabelecimento musical da rua do Carmo.

Caixa de Socorro a Musicos Pobres

por iniciativa da

ARTE MUSICAL

- I— Aceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.
- II— A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que requeiram subsidio á administração da revista.
- III— Será publicada em todos os numeros da *Arte Musical* a lista do subscribers e quantia com que subscreverem.
- IV— Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concertos, etc., que o consintam, serão expostos mealheiros especiaes para o mesmo fim.
- V— Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorizado do movimento da Caixa.

Transporte.....	811\$360
Maria Margarida Franco (2. ^o donativo).....	\$500
Mealheiro.....	\$395
Segue réis.....	812\$255

Caixa de Socorro a Musicos Pobres

Não foi muito prospero de donativos, o anno de 1912, para esta caritativa fundação — apenas 2\$245 réis em todo o anno; distribuimos comtudo 11\$000 réis, mesquinho auxilio decerto para tantos necessitados, mas em todo o caso consolador em presença da escassez da receita.

Com os juros das nossas obrigações de 4 % e com o pequeno lucro de um sorteio, engrandecemos ainda assim o nosso fundo com mais um titulo, ficando portanto o modesto capital d'esta instituição elevado a 42 obrigações, fóra o saldo que figura na conta seguinte, em que, conforme o costume, resumimos todo o movimento do anno.

ENTRADA		SAHIDA	
Saldo em 31 de dezembro de 1911	17\$670	Compra de 2 obrig. de 4 % (1888)	40\$600
Donativos durante o anno de 1912	2\$245	Subsidios fornecidos :	
Uma obrigação sorteada	22\$500	J. Apparicio da Matta	2\$500
Juros cobrados (2.º semestre de 1911 e 1.º de 1912)	25\$170	João Rodrigues d'Almeida	5\$000
		Anna d'Oliveira	2\$500
		Carlota Joaquina da Silva	1\$000
			11\$000
		Sellos para cobrança de juros	\$080
		Saldo em 31 de dezembro de 1912 :	
		Juros	15\$905
	67\$585		67\$585

1913

A todos os amigos da ARTE MUSICAL endereçamos os melhores votos de prosperidade no proximo anno, especializando os que concorreram tão gentilmente na sua redacção para lhe assegurar um incontestavel valôr litterario e artistico e os que, como assignantes, lhe garantiram, com não menor generosidade, a existencia material.

Esse duplo auxilio, esperamos continuar a merecel-o no proximo anno de 1913, decimo-quinto d'existencia d'esta revista, e faremos quanto em nós caiba para que ella se mantenha sempre na altura de idéias e de processos, em que felizmente se tem conseguido conservar até hoje.